



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**SIGNIFICÂNCIAS E IN-SIGNIFICÂNCIAS DE UM VELHO/NOVO DISCURSO:  
DE GABRIEL SOARES A LIMA DUARTE<sup>1</sup>**

Manuel José Sena **DUTRA**

**Doutorando do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido  
do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

Universidade Federal do Pará

**Resumo**

Discute-se a enunciação, com o auxílio das novas tecnologias da redescoberta midiática do Brasil, de fragmentos de um discurso que teve início há cinco séculos, do qual permanecem elementos invariantes que estruturam um modo de mostrar e falar do Brasil. Dois textos distanciados no tempo são postos em confronto. Um deles, dando contas à metrópole das *''grandezas [significantes] da Bahia''* e, ao mesmo tempo, da *in-significância* daquela gente aqui encontrada pelo português. O outro, utilizando o poder de penetrabilidade da tecnologia contemporânea, reedita nacos daquele primeiro discurso, mas com outra direção: o mercado. Em ambos, como que ligando o ontem ao hoje, grandeza de recursos naturais e pequenez humana são elementos discursivamente contrapostos.

**DISCURSO – SIGNIFICÂNCIA  
DISCURSO - IN-SIGNIFICÂNCIA  
MÍDIA - DISCURSO**

**INTRODUÇÃO**

A distância secular entre Gabriel Soares de Sousa (1938), senhor de engenho na Bahia e cronista dos quinhentos, e Lima Duarte (Rede Globo, 2000), conhecido artista de televisão na nossa contemporaneidade, torna-se irrelevante diante do intangível que os aproxima. Um e outro, no seu momento e lugar, produzem os sentidos que podem ser interpretados ora como *significâncias* ora como *in-significâncias* que estão aí vivas, fragmentariamente, produzindo sentidos, muitíssimas vezes, imperceptíveis e até insuspeitos para o receptor/espectador comum.

Antes de Gabriel Soares de Sousa outros já haviam feito seus relatos sobre o Brasil, mas ele foi pioneiro por produzir um texto que pode ser considerado como o primeiro tratado da biodiversidade brasileira, nas primeiras décadas da colonização ainda concentrada na costa nordestina, o que é caracterizado pelo fragmento de um dos títulos com que a obra foi publicada séculos depois, como um tratado das *''grandezas da Bahia''*.

Lima Duarte, por sua vez, aparece como enunciador imediato de um texto que, mais de quatro séculos depois, na posição de âncora do programa *Brasil por natureza*, da Rede Globo (2000), na comemoração dos 500 anos do descobrimento, dá razão a Eni Orlandi quando esta construtora de uma análise de discurso brasileira (2000, p. 120) afirma que os discursos das descobertas acompanham a nossa história (1990).

**SENTIDO NEGADO, SENTIDO AFIRMADO**

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O que aqui chamo de *significância* e de *in-significância*, embora obviamente sob influência do senso comum, com este rompe, pois não se trata de estabelecer valoração, mas de buscar, no rastreamento daqueles dois textos tão distanciados no tempo, uma espécie de pêndulo que os estrutura na construção ora de um determinado tipo de sentido, ora de outro.

Lembrando que o nome completo do cronista é Gabriel Soares de Sousa (como antes enunciado), mas este *paper* utiliza o sobrenome intermediário - Soares - como o fazem diversos historiadores consultados, acrescenta-se que as noções de *significância* e *in-significância* são extraídas dos próprios relatos, especificamente, do texto de Gabriel Soares, num primeiro momento. Tanto aquilo que nesse texto *significa*, segundo a lógica do narrador, quanto aquilo que *in-significa*, segundo a mesma lógica, são, para o analista, elementos fundamentalmente significantes. O que está dito no discurso colonial é que significantes são os recursos naturais, estes abundantes, grandiosos, plenos de possibilidades de atendimento aos objetivos da empresa colonial; e in-significantes são os estorvos, virtuais ou presentes, àqueles objetivos, ou seja, a presença de grupos humanos cuja existência, no lugar pleno de recursos, torna-se incompatível com o projeto da colonização.

Com Foucault (1998), entendemos o autor como um agente em função, como "*princípio de agrupamento*" do discurso e como foco de sua coerência. Esse princípio, Foucault o vê mais nítido no discurso literário, filosófico e científico, mas a regra de autoria não "*voga em toda parte nem de modo constante*", existindo muitos discursos que circulam sem receber seu sentido ou a sua eficácia de um autor, como documentos, decretos ou contratos que precisam de signatários, mas não necessariamente de um autor. Aqui acrescentamos o discurso dos media em que, com muita frequência, a presença do autor é opaca, muitas vezes dada como anônima, só não o sendo, de fato, em virtude de uma autoria dispersa e difusa que se verifica nos suportes tecnológicos de transmissão. Se esse autor não está aí, com nitidez, será difusamente procurado naqueles indivíduos componentes da estrutura que autoriza o discurso dos media.

O que chamo de *in-significância*, termo também portador da idéia de fazimento de um (outro) sentido, traz o acréscimo do prefixo *in* separado por hífen, recurso necessário a fim de deixar claro que não se trata de um outro termo, mas o prefixo é indicativo de uma negação promovida por um signifex. Ou seja, aquele que *signum facit*, termo aqui empregado como sinônimo de autor, dicionarizado como estatuário, escultor (Torrinha, 1942), como se este, ao plasmar a pedra ou mármore intentasse apagar = *in-significar* a materialidade preexistente da pedra ou do mármore, como se a partir de seu trabalho corporal sua obra fosse inteiramente nova.

Gabriel Soares, como de resto os cronistas coloniais, ao produzirem o seu relato, paradoxalmente, ao negarem sentido ao índio, num primeiro momento, e às "*populações tradicionais*" num segundo, na verdade criam novos



sentidos: na *in-significância* assim produzida encontramos a essência de uma outra *significância*. Aliás, vale a pena acrescentar que, para os efeitos deste *paper*, entendemos a categoria “*populações tradicionais*” como aquela composta de grupos que realizam uma integração entre a vida econômica e social do grupo, onde a produção faz parte da cadeia de sociabilidade e a ela é indissociavelmente ligada, facilitando encontros interfamiliares, realização de festas, perpetuação de rituais e outras modalidades de trocas não econômicas. Manifestações sociais que se referem ao território, colocando em destaque o regime dos rios, a reprodução das espécies e o ritmo da natureza (Castro; Pinton, 1997).

### **UN NUEVO MUNDO, LLENO DE NOVEDADES**

Assim se estabelece, no discurso colonial, uma distinção entre recursos/*significância* de um lado, e grupos humanos/*in-significância*, de outro. Porém, esta distinção discursiva não é cristalina, facilmente legível. Há momentos de intransparências em que os índios são relativamente *significados*, isto é, colaboram ou têm potencial de colaborar com a empresa colonial, em contraposição a outros momentos em que são desenhados como estorvo explícito ao projeto de acumulação mercantilista.

Nos momentos de intransparência, como nos momentos cristalinos, no entanto, observa-se, sempre, a bipolaridade abundância de recursos naturais *versus* pequenez humana. Cria-se, assim, uma espécie de campo discursivo localizado entre aqueles dois pólos, no interior do qual se processa, na nossa contemporaneidade, a formação discursiva na qual se inserem repetições/transformações de sentido, fragmentos vivos que estruturam formas de discurso sobre o Brasil e, muito particularmente, sobre a Amazônia, discurso esse presente nos textos da mídia.

Trata-se de uma formação discursiva que pode ser esquadrihada à exaustão, no entanto, para os efeitos deste trabalho, torna-se desnecessária tal busca, dada à pertinaz recorrência de enunciados fundantes destas narrativas. Apenas nos aspectos da conquista e ocupação do vale do rio Amazonas, poderíamos percorrer desde os textos de Gaspar de Carvajal (*apud* Papavero, 2000), relator da viagem de Orellana e da lenda das amazonas, a muitos outros relatores, entre eles os viajantes cujas expedições se intensificaram no século XIX.

*O ponto de partida desta espécie de linha de montagem, produtora de sentidos recorrentes, fragmentados e transformados, esquecidos alguns, revividos outros, deu-se no contato mesmo entre branco e índio, já que não existem sentidos a priori. Foi a visão do índio e de seu ambiente que produziu/transformou os sentidos nos relatos sobre o Brasil e o vale do Amazonas. Este produzir/transformar, no entanto, transporta elementos fundantes que antecedem a descoberta de terras americanas, produtos de*



formações discursivas precedentes, dentro das quais o colonizador/colono já era, antes do desembarque, portador de sentidos, o principal deles contido no desejo e na procura por coisas novas, como adverte Acuña, o leitor do relato de sua viagem pelo vale do Amazonas, intitulado *Nuevo descubrimiento...* (apud Papavero, 2000, p. 158): "...con prometerte un nuevo mundo, Naciones nuevas, Reinos nuevos, ocupaciones nuevas, modo de vivir nuevo, y para decirlo, en una palabra, un Río de agua dulce navegado por más de mil trescientas leguas, todo desde su nacimiento hasta su fin, lleno de novedades..."

Antes de Acuña no Amazonas, no Nordeste do século XVI, Gabriel Soares produz uma peça reveladora da existência incipiente de um programa de colonização do Brasil. Aí se estabelecem papéis. O português seria o sujeito do saber e do querer e a este caberia o papel de elaborar e conduzir o projeto do colonizador; ao índio, caberia o papel do dever fazer, ficaria incumbido de realizar o projeto (Lopes, 2000).

O autor detalha a história do descobrimento, a geografia, o clima, o povoamento, a topografia, as qualidades da terra para a agricultura, a etnografia, a mineração, os metais e as pedras preciosas e materiais para construção. Na parte específica sobre recursos naturais, impressiona a abrangência das descrições minuciosas: cerca de um terço do relatório, na parte que vai da página 174 a 360, traz um autêntico tratado da biodiversidade brasileira ainda observada, basicamente, na costa nordestina. No quadro a seguir, intentamos um resumo esquemático daqueles enunciados que se tornariam invariantes nos séculos subseqüentes, com o autor já imerso numa formação discursiva que marcaria os relatos sobre o Brasil. As aspas indicam literalidade; a ausência de aspas indica observações do autor deste trabalho, com esforço para manter o quadro o mais fiel possível ao texto de Soares:

<b>SIGNIFICÂNCIA</b>	<b>IN-SIGNIFICÂNCIA</b>
<b>“Qualidades”</b>	<b>“Estranhezas”</b>
<b>“Grandezas da Bahia”</b>	Tupinambás são inteligentes, mas não para aprender “coisa de conta nem de sentido”
Diversidade dos recursos: primeiro tratado da biodiversidade no Brasil Colônia	Grupos humanos desprovidos do afã da acumulação
Fertilidade do solo, riquezas do subsolo	Tupinambás são “atraiçoados”
Possibilidade de um “grande império”	Não sabem que há morrer e viver
Colonização se retarda: pressa por inversão de capitais; perigo estrangeiro, cobiça	Repartem entre si os bens que possuem, sem distinções de raças



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Caçadores, pescadores, amigos das lavouras	Bárbaros, incrédulos Baixa estatura, cor baça, belicosos
Tupinambás são bem feitos, bem dispostos, muito alegres, bons dentes	Belicosos e demasiadamente luxuriosos
Têm gentilidades	Não conhecem as letras F, L, R. Sem fé, sem lei, sem rei
Têm um <i>''principal''</i>	<b>''Cometem todos os pecados''</b>
Ensinam filhos a atirar flechas	Não doutrinam os filhos
Mulheres habilidosas, extremadas cozinheiras	São namoradeiras e <i>''amigas de terem amores com os homens brancos''</i>
Conhecem a terra onde vivem, belicosos e estrategistas	Fazem coisas que não faz <i>''nenhuma nação de gente''</i>

Fonte: SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Nacional, 1938. p. 174-360.

#### **AS NOVAS TECNOLOGIAS DA REDESCOBERTA**

O texto enunciado por Lima Duarte, conhecido ator de telenovelas, é um fragmento do programa Brasil por natureza, transmitido pela Rede Globo por ocasião das comemorações dos 500 anos do descobrimento. Deslocados, em diversos momentos, de suas especificidades profissionais, artistas convidados cumprem o roteiro do videoclipe, realizando entrevistas, numa apresentação que tem na música sua ênfase, gravada e editada com imagens dos próprios intérpretes ou de outros músicos, atores, dançarinos e figurantes. As gravações foram executadas nas seguintes locações: (1) Seringalzinho e arquipélago das Anavilhanas, no rio Negro, estado do Amazonas, (2) ilhas do Combu e Marajó, estado do Pará, (3) aldeia Xavante, estado de Mato Grosso, (4) Pantanal, Mato Grosso do Sul e, por fim, (5) Serra Gaúcha.

Cada parte é aberta e fechada por Lima Duarte, cada uma vinculando-se à seguinte verbalmente, mas também visualmente por meio de uma *''viagem''*: o vídeo, enchendo-se de um mapa do Brasil, mostra um avião, uma imagem que lembra um Boeing-737, que decola do local das gravações precedentes em direção à seguinte locação. Assim, entre a primeira e segunda partes, o avião decola de um ponto onde se lê Rio Negro e pousa noutro ponto onde se lê, sobre o mapa, Ilha do Marajó. Isso caracteriza que ali, naquele avião-imagem, há um grupo de pessoas em viagem pelo Brasil, uma expedição cujo objetivo é *''descobrir, identificar, conhecer (...) o País (...) quinhentos anos depois''*, como a seguir deixará bem explícita a locução do apresentador.

Essa redescoberta se dá com o auxílio de tecnologias da contemporaneidade, das quais a imagem do avião a jato é um símbolo. Mas há também aviões concretos com os quais a equipe de gravação chega às locações para realizar o seu trabalho, transportando vasto aparato tecnológico produtor do espetáculo, dando, assim, a medida dos novos instrumentos da redescoberta.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

As gravações foram realizadas em película, recurso que oferece melhor qualidade cromática e maior fidelidade ao real material transformado em real descorporificado, virtual, ou melhor definição das imagens, suplantando a fita magnética. Para tanto, a Rede Globo mobilizou 600 quilos de equipamentos de cinema e televisão, incluindo gerador de energia, e uma equipe de 17 profissionais, entre técnicos e jornalistas, além dos artistas que se apresentam em cena, na qualidade de co-apresentadores ou repórteres do Programa.

São as inserções amazônicas que nos interessam mais de perto neste trabalho. A primeira se desenvolve em Seringalzinho, no rio Negro, e no início do arquipélago das Anavilhanas, estado do Amazonas, onde a equipe da Rede Globo recebeu o apoio do Ariaú Amazon Towers, um hotel de luxo. No Pará, o número de pessoas e o volume dos equipamentos requereram a utilização de um helicóptero e três pequenos aviões para chegar aos locais das gravações. A realização do *Brasil por natureza*, no segmento paraense, contou com o apoio do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de Soure, no Marajó.

Lima Duarte abre o Programa enunciando que *"...para amar é necessário, antes de tudo, descobrir, identificar, conhecer, seja objeto, animal, pessoa, ou o país (...). Quinhentos anos depois, vamos descobrir o Brasil como brasileiros..."* Ao final do quinto e último segmento, retoma: *"... Este País que você acaba de ver, é seu, é meu, é nosso (...), porque nós somos, todos juntos, brasileiros, donos desse País..."* Vale dizer, o Programa sugere que seguiu uma rota de redescobrimto, reconheceu, identificou. Então, identifica, juntamente com o País, os seus donos. O País, agora pertencente a brasileiros, porque redescoberto por estes. Opera-se, assim, a vinculação entre a abertura e o fechamento, produzindo o sentido de unidade de todo o texto, a despeito dos fragmentos discursivamente desconectados que, no movimento interno do Programa, o compõem.

Percebe-se a intenção de produzir um espetáculo que contextualize as celebrações dos 500 Anos. Descobrimto, e menos ainda conquista são evidentemente palavras proscritas neste jogo discursivo. Porém, as motivações, a moda de consumo do momento sugerem/exigem a inserção de imagens e falas que de alguma forma se relacionem com o motivo da celebração nacional. Então, é buscar os cenários onde se produzam aqueles sentidos historicamente cristalizados e relacionados com a idéia do descobrimto. E ali, construir o espetáculo que, sem omitir, não explicita nem discute a idéia matriz do descobrimto ou da conquista, porque o espetáculo televisivo não inclui discussão. O que importa é entreter, inclusive, contaminando a possibilidade informativa com a necessidade de entretenimento.

É por isto, também, que, nas locações, os cenários são trabalhados com antecedência, percebendo, o analista, que os moradores destes lugares foram instruídos para tomar parte no espetáculo, na qualidade de enunciadores de um discurso que classificamos como tributário, que segue as instâncias discursivas dos atores/repórteres do suporte televisivo, um discurso



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

permitido e previsto para se encaixar no discurso do sistema produtor do Programa. Isso é transparente no fragmento do diálogo entre Elba Ramalho (**ER**) e uma moradora de Seringalzinho, cujo nome não é enunciado (**M**):

*''ER É uma paz, não? (...) não é dona (ininteligível) (...) dá uma vontade de dormir...*

*''M (gesticulando, imagem de rio ao fundo, fala em ritmo bem lento). É isso mesmo ( ...) A gente trabalha na roça da gente, quando chega tá uma tranqüilidade, vai pro igapó, pega peixe, tudo bem...*

*''ER Faz o rango (...) todo mundo vive com sentimento comunitário...*

*''M É verdaaaade...*

*''ER (fazendo gestos com as mãos, dando sentido de congraçamento, união) (...) Todos trabalham pela comunidade, ninguém trabalha em benefício assim isolado...*

*''M ...nãããã...*

*''ER ...todo mundo tem que tá feliz, isso que é o verdadeiro sentido...*

*''M ...essa é a verdade, verdade...*

*''ER ... eu acho da vida, as pessoas da cidade esqueceram...*

*''M (fazendo reiterados meneios com a cabeça) ( ...) isso ...''*

As pessoas contatadas nas locações não têm seus nomes enunciados, à exceção de *Neneca*, uma moradora da Ilha do Combu. Os demais são verbalmente introduzidos em cena com os apelativos *''oi''*, *''opa, como vai a senhora?''* etc. No Programa, membros de *''populações tradicionais''* tornam-se presentes como figurantes, sem nomes, despersonalizados, todos iguais, lembrando a conhecida frase *''seen one Indian, seen 'em all''*, derivada de críticas aos filmes hollywoodianos nos quais a presença do índio revela povos histórica e culturalmente homogêneos: são apenas índios (Churchill, 1998). No jogo das palavras em inglês, quando oralizadas, a duplicidade do enunciado carrega o sentido da tendência homogeneizante do cinema, tendência que se transporta para a televisão. Em cena, os entrevistados cedem a condição de sujeitos à condição de objetos.

### ***SIMULANDO A INCLUSÃO: VAMOS, QUEM?***

Analisamos o texto de abertura do Programa, enunciado por Lima Duarte, por considerá-lo construído sobre eixos discursivos que dominam todo o *Brasil por natureza*, estabelecendo uma



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

estrutura discursiva, dando um rumo a todos os segmentos do roteiro. Funciona como um metadiscurso a partir do qual se constrói o *continuum* que dá unidade às cinco partes do Programa. Consideramos, aqui, as noções de formação discursiva, na perspectiva de Foucault (1998), que caracterizam o texto de Duarte, mas também a produção de um texto que se destina ao consumo, o que se explica pela identificação do Programa como um produto cujas condições sociais de produção, do ponto de vista institucional, acham-se fundamente vinculadas às estruturas mercadológicas:

''1 Para amar é necessário, antes de tudo, descobrir,  
identificar, conhecer, seja objeto, animal, pessoa ou país.

3 *Esse nosso Brasil, de tão exuberante e complexo, é quase um estranho para nós.*

*Vamos descobrir novamente*

5 *esse País que é nosso, e que nos acolhe, apesar de tudo. Quinhentos anos depois,*

*vamos descobrir o Brasil como*

7 brasileiros, que alimentam a sua alma e que fazem o seu coração bater mais

*forte, num ritmo fascinante para o resto*

9 *do mundo. Vamos colocar esses brasileiros cara a cara com um Brasil que nunca*

*viram, e deixar que o*

11 *descubram, e se apaixonem...''*

Os termos que, no texto gráfico, se acham sublinhados, indicam as ênfases que, no oral, o locutor imprime a algumas palavras, destacando sentidos no contexto do que diz. Trata-se de estratégias enunciativas, espécies de ''*senhas*'' ou chaves para ajudar o espectador a acessar o processo de leitura do real ali construído. É uma forma de hierarquização semântica de determinados conteúdos, dentro de uma peça em que a fragmentação também designa o real.



Assim como no suporte gráfico, especialmente no jornal, são empregadas "senhas" particulares para facilitar ao leitor o processo de leitura, por meio de "estratégias de diagramação" (Fausto Neto, 1991, p. 34), ou seja a organização gráfica do visual na página para além do texto escrito, estritamente entendido como um conjunto de palavras e frases, no suporte audiovisual identificamos estratégias enunciativas que servem como classificação do real. Entre tais estratégias, encontramos a integração do locutor em seu enunciado, produzindo ênfases, destaques, gesticulando, utilizando os movimentos corporais, sorriso ou olhar grave.

Importa menos, na fala de Duarte, o que está sendo dito e mostrado, mas como o artista diz e mostra o Brasil. Esse como exige proximidade discursiva entre o enunciador e o destinatário, aqui na condição de co-enunciador, que, no reconhecimento do texto, está suposto a interagir com Duarte, envolver-se, estimular-se para o amor e a descoberta midiática do País. A forma verbal vamos faz esse apelo, no sentido de que o País deixe de ser um estranho para os brasileiros, a despeito de sua complexidade (linha 4).

É um País com problemas que se acham presentes no conjunto significativo do Programa a despeito de sua não explicitação no verbal. Os problemas estão implícitos na locução prepositiva apesar de (linha 5), seguida do pronome indefinido tudo. Tudo são as heranças do descobrimento histórico, cuja lembrança é apagada na superfície do discurso de Duarte pelos adjetivos exuberante e complexo (linha 3). O convite ao amor subentende o amor que não existe. A interação é perceptível também na expressão facial do locutor, no convite ao amor ao Brasil.

A fala de Duarte é uma forma de sedução do espectador, esforço para angariar o consenso em torno dos sentidos que produz, pois, apesar de tudo, vamos descobrir o Brasil quinhentos anos depois de um descobrimento (o histórico) que não é explicitado no texto, mas uma não explicitação que é produtora de sentido: esquecer o passado que nos deixa, no presente, em situação que está silenciada pela na locução prepositiva apesar de..., um passado problemático a ponto de a Rede Globo ter empregado a expressão *Brasil 500 anos* para denominar a programação na qual incluiu o programa *Brasil por natureza*, deslizando dessa forma dos embates discursivos a respeito de um descobrimento ou de uma conquista.

Esta opção, no momento em que se processou a produção/circulação/consumo do Programa atendia a formas de releitura da história do Brasil que, naquele momento, se verificava no País. Desta forma, o sistema produtor, ou seja, a Rede Globo, não poderia se expor relendo a história de modo diferente, ou de modo destoante do que estava sendo relido, naquele momento, por significativos setores sociais, o que implicaria ausência de sintonia com seus destinatários no processo de produção/consumo/reconhecimento daqueles textos.

No componente verbal do discurso podemos identificar dois momentos em que a sedução é operada: primeiro, com o emprego do pronome reto nós, sujeito, (linha 3), e sua forma oblíqua nos (linha 5), e do possessivo nosso



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

(linha 5), das formas verbais vamos (linhas 4, 6 e 9), formas de interação produtora de identidade, busca de identificar-se o locutor com o espectador, um esforço para efeito imediato, no decorrer do Programa. Segundo, um esforço que se explica pela necessidade de um consenso, este de sentido mais amplo, isto é, para além da sedução sobre o próprio Programa, a sedução na direção de um Brasil que apesar de..., é exuberante, complexo, fascinante e que precisa ser descoberto, desta vez, pelos brasileiros. Dois momentos, dois gestos que não se separam: seduzir o leitor para o espetáculo televisivo é, ao mesmo tempo, seduzi-lo para o seu discurso, pois espetáculo e discurso fundem-se, formando um único conjunto significante.

Esse gesto sedutor é produzido por um sujeito que se enevoa no discurso, com destaque, aqui, nas formas verbais vamos que, potencial e concretamente, mas intencionalmente, produzem uma diferenciação de posição do sujeito: se vamos (linha 4) vincula-se a "*descobrir novamente...*", igualmente como vamos (linha 6) "*descobrir o Brasil como brasileiros*", indaga-se: que sujeito(s) está(estão) envolvido(s) na ação de "*ir*" descobrir? A forma verbal exprime que tempo(s) e que modo(s)? Vamos agora? Vamos amanhã? Vamos, nós, enunciador e destinatário, convidativo, imperativo? Vamos, nós produtores e atores deste Programa? Na linha 9, a opacidade atenua-se: aí o vamos produz com mais transparência um sentido exclusivo, pois está implícito um sujeito mais definido que o(s) anterior(es) (linhas 4 e 6) que vai (sentido plural) "*colocar esses brasileiros cara a cara com um Brasil que nunca viram*". Os "*brasileiros*" vão, neste caso, revelar o Brasil a brasileiros? Ou, que brasileiros são estes que farão a descoberta, a identificação, a revelação? E ainda, que brasileiros são estes que "*nunca viram*" o Brasil?

A questão a discutir é: quem são aqueles brasileiros que vamos (primeira pessoa) descobrir novamente esse País que é "*nosso*" (linhas 3 e 5), e quem é o sujeito plural que vamos (primeira pessoa) "*colocar esses brasileiros cara a cara com um Brasil que nunca viram (terceira pessoa), e deixar que o descubram (terceira pessoa), e se apaixonem (terceira pessoa)*" (linhas 9 a 11)?

O Brasil "*é um quase estranho para nós*" (linha 3), é um estranho "*que nos acolhe*" (linha 5). Se existe, no texto, um sujeito plural (linha 9) que fará a revelação do País, destruindo a sua estranheza, é óbvio que há brasileiros para os quais "*um Brasil*" (linha 9) não é estranho, inclusive porque se alguém (primeira pessoa plural) vai colocar o País cara a cara com sujeitos que "*nunca viram*" (linhas 9 e 10) (terceira pessoa) "*um Brasil*", permitindo que o descubram, está implícito que os primeiros já o descobriram, já conhecem o "*um*" que modifica o substantivo Brasil.

Se tomarmos apenas o verbete - um - existente no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, encontraremos 21 vertentes de sentidos desta minúscula palavra. Os mais comuns a dão como artigo indefinido, modificando o substantivo de maneira um tanto opaca, algo mais ou menos divisado, mal



conhecido. Pode ser adjetivo, significando singularidade, qualidade daquilo ou daquele que é único; antes de um nome de pessoa ou de um país, por exemplo, serve para lhe dar relevo ou importância. Lembramos que a dicionarização realiza-se sobre sentidos datados e jamais pode ser fonte indiscutível de sentido. A questão é outra. A análise de discursos toma as palavras como nichos de sentidos contextualizados, as palavras não carregam sentidos imanentes.

O jogo das palavras no texto apresentado por Lima Duarte exige que se dê atenção, por exemplo, aos sentidos produzidos pela forma vamos, do verbo ir (linhas 4, 6 e 9). Na enunciação oral, tal como se ouve na gravação do Programa, o vamos que está na linha 4 da transcrição soa como um convite ameno, com uma entonação algo amável. Na forma em que está na linha 6 da transcrição, a voz é entonada de forma a referir uma determinada ênfase, como uma conclamação amigável. Na forma da linha 9, a modulação vocal indica algo como um convite insistente, próximo a uma ordem suave. Porém, dependendo da releitura do oral, pode-se concluir que, no caso da linha 6, poderia tratar-se do presente do indicativo. Então, neste caso, seria o anúncio positivo de algo que acontece, uma ação em curso ou pode mesmo ter sentido de tempo verbal futuro, uma ação que, na forma da enunciação, está para entrar em curso, com o objetivo de *''descobrir o Brasil como brasileiros''*.

Neste último caso, a forma convite-conclamação-imperativo cede lugar ao anúncio de uma transformação que se auto-referencia como profunda: brasileiros descubrirem o Brasil para mostrá-lo a brasileiros. Já não somos mais o Brasil do descobrimento histórico, somos outro Brasil, mas este outro ainda guarda algo do mesmo. Na repetição/transformação de sentido está aí implícito que o Brasil mudou, modernizou-se, porém retém, do passado, memórias que são expostas na televisão como componentes do exótico, incisivamente nas inserções amazônicas do Programa, nas quais são mostradas *''populações tradicionais''*, com modos de aparecer, de dizer e de fazer que o discurso televisivo revela não se encaixarem nas imagens que a mídia constrói do Brasil moderno, um moderno que é, neste Programa, construído no próprio espetáculo no qual figuram brasileiros diferentes, vivendo em ambientes diferentes, em contraste com o modo de vida moderno explicitado nas falas, trajas e no estranhamento dos atores midiáticos frente a seus interlocutores. É este o Brasil a ser redescoberto?

A respeito do texto de televisão, Gomes (2000, p. 67), tratando da impessoalidade, mostra como esse suporte utiliza o recurso da primeira pessoa do plural, por meio do qual intenta afastar-se do objeto da narrativa e aproximar-se do espectador. Lembra a autora que, nos enunciados televisivos, nós, assim como vós, não são plurais aritméticos, ou seja, no caso que analisamos, o nós do texto de Lima Duarte não é a soma de eu + eu + eu, porém o nós = eu + x, ou seja, uma ampliação do eu: *''O plural não é uma adição de*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

vários eus, é um eu em particular que se conjunta com x, ou eu + tu (plural inclusivo) ou eu + eles (plural que exclui o tu).''

Concentrando a nossa atenção na forma verbal - vamos -, podemos intentar algumas respostas às questões levantadas anteriormente: o sujeito plural que afirma uma ação em curso, ou convida ou incita o espectador a descobrir o Brasil referencia, na verdade, o próprio sistema produtor do Programa que, por meio de um eficaz jogo de palavras, de subentendidos, de silêncios eloqüentes e da sedução proporcionada pela tecnologia de imagens em movimento e cores põe em cena uma forma de enunciação tecnologicamente atualizada. Reedita, assim, um discurso secularmente composto de enunciados invariantes, destacadamente aqueles que dão o Brasil como um ente belo e ao mesmo tempo ainda desconhecido de muitos brasileiros, e que precisa, cinco séculos mais tarde, ser redescoberto.

Essa redescoberta se dá de permeio com o espanto diante de tanta beleza e grandeza dos recursos naturais que ainda estão aí como pano de fundo não mais, apenas, para os índios que não racionalizam a transformação destes recursos em valor, em acumulação, mas também para as ''populações tradicionais'' e, por extensão, para vastos setores sociais que, longe da racionalidade da vida moderna, continuam como seres exóticos e, por exóticos, e não por outras razões, freqüentes nas pautas da mídia. Esta diferença, verbalmente silenciada no texto do *Brasil por natureza* se explicita nas imagens contrastantes com a vida moderna, a começar pela presença de profissionais e artistas fenotipicamente distintos daqueles que vivem a vida rústica do interior do País, e pela equipe que se faz acompanhar de equipamentos cuja presença nos locais das gravações já produzem o sentido da diferença entre as tecnologias utilizadas no trabalho de produção do Programa e aquelas ainda utilizadas por ''populações tradicionais'' e outros grupos do interior do Brasil no trabalho de produção de sua subsistência.

Com essa perspectiva, podemos observar as posições dos sujeitos na cena televisiva, posições determinantes na produção de sentidos. Quais são os modos de apresentação dos atores globais, de que modo falam, gesticulam, sorriem, ironizam, no contato com membros de grupos tradicionais, e como estes, a seu tempo, falam, gesticulam e sorriem. Compreender esses comportamentos-de-fala nos textos da televisão é compreender as suas vinculações com comportamentos-de-fala longínquos no tempo, fragmentariamente presentificados pela repetição/ transformação de sentidos cristalizados, reeditados em momento oportuno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade de uma investigação como esta, a de buscar os liames entre os enunciados de Gabriel Soares de Sousa e os de Lima Duarte, apresenta



duas questões fundamentais. Em primeiro lugar, o Brasil não é mais uma colônia. Em segundo, a direção do discurso de cada um: aquele, endereçando à Metrópole o relato das riquezas *significantes* em meio às quais habitam grupos humanos *in-significantes* para a lógica colonial; e este, recorrendo a sentidos cristalizados, atualiza-os e os embute num produto endereçado ao mercado simbólico, para consumo de massa. Em conseqüência, não pode se considerar ambos os relatos como um mesmo discurso, mas, paradoxalmente, em ambos desvela-se um discurso recorrente, pois essencialmente produtores de sentidos de distinções, de incompatibilidades, da existência de objetos *significantes* e de sujeitos *in-significantes*, estes tomados como objetos.

No texto de Duarte, continua presente a necessidade de "*descobrir, identificar, conhecer, seja objeto, animal, pessoa ou país*", País que é ao mesmo tempo "*exuberante*" e "*quase um estranho para nós*". Para Soares, era totalmente estranho; para Duarte torna-se "*quase*" estranho. Como se percebe, há mudanças no discurso, no entanto o mesmo persiste, como também a necessidade de assimilação pela sociedade moderna de grupos que permanecem estranhamente, mas sedutoramente também, distantes da lógica dominante, diferentes naqueles sentidos que o discurso hegemônico produz e transmite dissimulando-os sob formas de diálogo em que o exclusivo é discursivamente construído e mediatizado como inclusivo, como visto na eficaz aplicação da forma verbal vamos. Discurso que, na cena midiática, exclui os exóticos aí presentes, ao mesmo tempo em que exclui o espectador. O vamos é o vou heterogêneo do discurso hegemônico.

Os dois pólos, grandeza e pequenez, são aparentemente potenciados na nossa contemporaneidade pelo que aqui se poderia chamar de um discurso da ecologia. Os recursos naturais, antes, conhecidos, genericamente, como drogas do sertão têm seu conceito ampliado e acolhido pelo termo biodiversidade, que faz fortuna entre a miríade de grupos que intentam o esforço, inútil, para dar a última palavra nos embates ecológicos que têm a Amazônia como epicentro. Embora o *Brasil por natureza* não se explicita como um programa ecológico (tal como, por exemplo, o *Globo ecologia*), *ele constituiria um discurso desconectado do embate contemporâneo se omitisse a ecologia*. Mas o Programa traz, na sua proposta e no seu próprio nome, a vinculação do ontem com o hoje: comemorar os 500 anos do Brasil por meio de um discurso que não se alheia a essa espécie de metadiscurso da natureza.

Pode-se mesmo afirmar que é o embate ecológico que domina os eixos discursivos do Programa, em alguns momentos de modo explícito, como se verifica na enunciação de Elba Ramalho ao final do segmento locado em Seringalzinho, por meio de uma fala em que a cantora-enunciadora recria um texto cujas palavras-chaves lhe foram, perceptivelmente, impostas pela produção do Programa:

*"Bom, o rio Negro é uma fonte de vida. Ele alimenta toda essa floresta assim como ele recebe da floresta também os alimentos. A água*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*é escura, a água é negra, negra, a cor negra, é (...) é (...) da (...) da escuridão, é do negro que nasce a luz, que nasce a vida, então, ele é um rio realmente importantíssimo na história ecológica do equilíbrio do planeta, porque a imensidão dele, e o que ele sedimenta, o que ele fornece pra sobrevivência de tudo aqui na floresta amazônica (...) é importantíssimo...''*

Para Escobar (1998, p. 53) tratar de ecologia é embrenhar-se numa questão complexa, seja do ponto de vista original da biologia, assim como da cultura e da política. Acredita que, embora a biodiversidade tenha referentes biofísicos concretos, deve ser encarada como *''uma invenção discursiva de recente origem''*. E essa *''invenção''* recente, para nós, constitui uma repetição/transformação de noções longamente cristalizadas, reeditadas na mídia sob formas, estas sim, efetivamente recentes, e com poder de penetrabilidade inimaginável nos momentos em que autores como Gabriel Soares estabeleceram os sentidos de abundância de recursos *versus* in-significância humana.

Para esse mesmo autor, com as noções de ecologia tomadas como *''questão discursiva''*, isto é, lugar de embates, disputas pela produção de sentidos e o esforço de variada gama de sujeitos-produtores de sentido em criar realidades sobre o ambiente amazônico, a questão, então, seria: estariam aí os sentidos, deslocados, na atualidade, na rede de suas filiações históricas, transformando/atualizando velhos significados para atender a novas necessidades do *''gênero humano''*? Sem que esse discurso composto de múltiplas vozes insira, a não ser em caráter minimal, pontual, as necessidades que historicamente foram dadas como desnecessidades daqueles que hoje gostam de *''dormir''*, como implicitamente sugere Elba Ramalho no diálogo com uma *''caboclona''* de Seringalzinho, e que antes foram chamados de preguiçosos, incapazes, como é recorrente nos cronistas coloniais, tanto quanto em textos pós-independência?

No passado, os índios foram, discursivamente, excluídos da categoria *''gênero humano''* em favor do qual deveriam empregar as energias de seus corpos. Hoje, tanto índios remanescentes como *''populações tradicionais''*, em seus ambientes, continuam vistos como exóticos, isto é, estranhos, intrusos, diferentes, embora as formas desta repetição sejam produzidas por meio de avançadas tecnologias cuja sedução nos dificulta, ou mesmo impe, que percebamos o pêndulo que dá valor a *coisas significantes* e constrói sujeitos *in-significantes*, permanentes estorvos, antes, ao projeto colonizador, hoje, ao projeto modernizador do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ACUÑA, Christobal de. Nuevo descubrimiento del gran rio de las amazonas. [1641]. In: PAPAVERO, Nelson et al. **O novo éden: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Idelfonso (1777)**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2000. p. 155-189.

1 Trabalho apresentado no NP09 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

CARVAJAL, Gaspar de (Frei) (1541-1542). Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal (...) del nuevo descubrimiento del famoso río grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana [...]. In: PAPAVERO, Nelson *et al.* **O novo éden**: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Idelfonso (1777). Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 2000. p. 7-32.

CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). **Faces do trópico úmido**: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: UFPA/NAEA/CEJUP, 1997.

CHURCHILL, W. **Fantasies of the master race**: literature, cinema and the colonization of American Indians. San Francisco: City Lights, 1998.

ESCOBAR, A. Whose knowledge, whose nature? Biodiversity, conservation, and the political ecology of social movements. **Journal of Political Ecology**, Tucson, v. 5, 1998. Disponível em: [www.library.arizona.edu/ej/jpe/vol5-1.htm](http://www.library.arizona.edu/ej/jpe/vol5-1.htm).

FAUSTO NETO, A. **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1735.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

GOMES, M. R. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Ed./USP, 2000.

LOPES, E. Ler a diferença. In: BARROS, D. L. P. (Org.). **Os discursos do descobrimento**: 500 e mais anos de discursos. São Paulo: USP, 2000. p.11-26.

ORLANDI. E. P. Entrar na sociedade geral dos cidadãos. Caminhos da História, trajetões do político. In: BARROS, D. L. P. (Org.). **Os discursos do descobrimento**: 500 e mais anos de discursos. São Paulo: USP, 2000. p. 119-130

\_\_\_\_\_. **Terra à vista**: discurso do confronto; velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990. p. 13-17.

REDE GLOBO. Vídeo. Videoteca Global, Esp. 0003. **Especial Brasil 500 Anos**: Brasil por natureza. Transmissão em 16.02.2000.

SOUSA, G. S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Nacional, 1938.

TORRINHA, F. **Dicionário latino-português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1942. 2. ed.